

Dora Kramer*

As duas faces da Câmara

A Câmara dos Deputados está fazendo um jogo de aparências. Na superfície, investe numa agenda popular, aprovando isenção de Imposto de Renda e urgência para medidas da área de segurança.

Tentativa de limpeza de imagem que não resiste a um olhar para a face interior da Casa. Ali suja-se a Lei da Ficha Limpa, alivia-se a barra de amotinados, avança-se no Orçamento da União sem cerimônia, urdem-se manobras casuísticas para salvar golpistas e tenta-se manter parlamentares fora do alcance da Justiça.

Se faltou algum item à lista, aguardemos, porque logo de outros teremos notícia, ainda mais se o Senado sair do modo resistência para ceder aos intentos dos vizinhos. Executivo e Judiciário

tampouco podem ser excluídos dessa dança de luz e sombras.

O presidente Luiz Inácio da Silva (PT) esteve nela quando vetou dois pontos mais escandalosos, mas manteve a essência do enfraquecimento da Ficha Limpa, que é a redução da inelegibilidade dos infratores para quase nada.

O Supremo Tribunal Federal, em decisão monocrática do ministro Luiz Fux, concordou em deixar para 2030 a reorganização das cadeiras na Câmara, adiando o cumprimento da regra da proporcionalidade populacional, que implicaria perdas para alguns estados depois de Lula vetar o aumento do número de deputados de 513 para 518. Até lá, a proposta voltará.

Na sexta-feira (3), o presidente da Câmara deu uma série de entrevistas a

emissoras de notícias para defender os trabalhos da Casa, alegando que estavam perfeitamente alinhados com os interesses da população. Como se isso não fosse o mínimo da obrigação.

Hugo Motta (Republicanos-PB), contudo, não assumiu posição sobre temas sensíveis como a anistia e os destinos de uma deputada condenada e presa na Itália e de um colega autoexilado em luta contra o país, ambos no exercício dos mandatos. Em contrapartida, foi muito claro na defesa da PEC da Blindagem, cujo alinhamento popular foi o que vimos nas ruas há 15 dias.

A despeito do esforço, a face interior prevaleceu.

***Jornalista e comentarista de política**

Paulo Cesar de Oliveira*

Infelizmente a guerra não acaba

Olhando as notícias e comparando com a realidade dos fatos, fica a impressão de que os chamados líderes mundiais só falam em terminar com as guerras para alimentarem as manchetes dos veículos de comunicação.

Trump e Putin se reuniram para dizer, com toda “pompa e circunstância” tinham fechado um acordo de paz para finalizar a guerra Rússia/Ucrânia e que em poucos dias o conflito terminaria. Não tinham combinado nada com Zelensky e a guerra continua, cada dia mais sangrenta, com perdas de lado a lado, com risco de envolver outros países. As tensões entre a Rússia e a Ucrânia são históricas.

Os dois países compartilham diversos laços históricos, políticos e culturais e já fizeram parte de uma mesma nação, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que se fragmentou em

diversas repúblicas no final do século passado, entre elas a Rússia e a Ucrânia. Com a independência, no ano de 1991, de forma pacífica, a Ucrânia iniciou um período de aproximação com as potências ocidentais.

Ao longo das últimas três décadas o país tem feito tentativas de aproximação com órgãos ultranacionais ocidentais, como a União Europeia (UE) e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), irritando os russos que, alegando necessidade de se proteger, iniciaram a guerra que agora não sabem como por fim, embora diariamente haja declarações de negociações.

Não é diferente a situação em Gaza. Um conflito Israel sustenta há décadas, mas que tem raízes milenares. Nesta guerra há muitos, muitos mesmos, interesses em jogo e nenhuma disposição sincera de

acordo. Para Israel, ou para Netanyahu, o acordo possível é a derrota do Hamas e a expulsão dos palestinos do cobiçado território de Gaza.

Outro acordo parece não interessar a ele e aos seus aliados, entre ele Donald Trump, que pressiona o Hamas com um discurso até mais radical. Fala em destruição. Fala bem mais, em verdade, num acordo, idealizado por ele e imposto aos palestinos, com o aval de Israel.

Trump age como pacificador nas duas frentes de guerra. Fora das manchetes não parece tão preocupado com a paz que, se vier, pode lhe render um Prêmio Nobel da Paz, um desejo que não esconde. Se não vier, pode render alguma coisa também. O quê? Só o tempo dirá.

***Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil**

Fernando Molica

Presidentes mostram que política é maior que questões pessoais

O desdém de Paulo Figueiredo à conversa entre os presidentes Lula e Donald Trump ressalta a dificuldade do bolsonarismo de encara a política como ela é — multifacetada, complexa e aparentemente contraditória.

Ao ironizar o fato de o norte-americano ter designado o radical Marco Rubio, seu secretário de Estado, para negociar com o Brasil, Figueiredo reitera uma doença infantil da extrema-direita brasileira, o de achar que questões pessoais se sobrepõem a interesses estratégicos.

Diferentemente de Jair Bolsonaro, Trump, por mais desvairado que demonstre ser, não se move regido pelo próprio umbigo. O cara, não custa lembrar, é o presidente da maior nação do planeta, insuperável em quesitos como economia e poder bélico. E como locatário — e não dono — da Casa Branca, tem que administrar interesses e lobbies diversos e poderosos, não tem o direito de ignorá-los.

Ainda é muito cedo para saber se as negociações entre Brasil e Estados Unidos vão avançar mesmo, se haverá algumas concessões por parte de Trump e de Lula. Mas estas conversas tendem a passar longe do futuro de Bolsonaro e demais companheiros de empreitada golpista, há questões muito mais relevantes em jogo, como mineração de terras raras e a regulamentação das big techs.

Facebook, Instagram, Google, Apple, Amazon e algumas outras têm um papel para os EUA semelhante ao representado, há algumas décadas, pela indústria automobilística. Trump não se cansa de deixar isso claro em sucessivas falas, muitas delas dirigidas à União Europeia, empenhada em limitar o poder desses exércitos virtuais.

Boa parte do empenho trumpista em defender Bolsonaro tem a ver com uma convergência de fatores — a exemplo de outros representantes da extrema-direita internacional, o ex-presidente é um defensor do poder ilimitado das big techs.

O fato de essas empresas e Bolsonaro terem entrado na mira de um mesmo sujeito, o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, reforçou as bênçãos do governo norte-americano, mas é um erro achar que o conjunto de chantagens feitas ao Brasil tenha o principal objetivo de livrar a cara do principal condenado pelas articulações golpistas. Até porque, por mais suscetível que seja aos ventos da política, o Judiciário é um poder independente, Lula tem razões constitucionais para dizer que não pode fazer nada contra os homens de capa preta.

Em post no Xr horas depois de divulgada a conversa entre os dois presidentes, Figueiredo — que, ao lado de Eduardo Bolso-

naro, lidera a tropa de choque contra o Brasil nos EUA — tratou de ironizar o fato de o Planalto ter ressaltado que Rubio conduziria a negociação. Afinal, o secretário de Estado é um dos mais radicais integrantes do governo norte-americano; descendente de cubanos, odeia a esquerda, deve ver em cada barbudo a reencarnação de Fidel Castro.

Mas, antes de tudo, Rubio é um político, encarregado de fazer o que seu chefe manda; e seria inocência achar que Trump não tem que dar satisfações aos que sustentam sua trajetória. Antes de tudo, ele é o representante maior de um conjunto de forças políticas, econômicas e institucionais conhecidas pelo nome de Estados Unidos da América. E, pelo visto, muita gente poderosa que integra esse conjunto avaliou que o presidente errou na dose ao retaliar o Brasil.

Minutos depois de Figueiredo expor seus cotovelos doloridos no X, Trump tratou de elogiar a conversa com Lula, disse que trataram de economia e comércio, anunciou encontros pessoais entre eles. afirmou que os dois países vão se dar bem juntos. É bem provável que o presidente norte-americano deteste o brasileiro; e vice-versa. Mas isso, Figueiredo, não importa quando há interesses pesados em jogo — é assim que adultos atuam.

EDITORIAL

“Quem matou?”, um marco na TV brasileira

Ficção nem sempre se baseia na realidade, mas prende o espectador. Quem lê um livro de suspense, parece que fica em transe, querendo saber o final da história. Quem assiste um filme de terror, sofre sustos, mas fica atônito para descobrir o enredo final da trama. E em novelas, o famoso “quem matou?” vira uma fórmula para mudar o clímax e deixar suspense para o capítulo final.

Passados 30 anos, o Brasil inteiro viverá a clássica pergunta que mudou a teledramaturgia nacional: “Quem matou Odete Roitman?”.

Se “Vale Tudo” foi um marco em 1988, alguns acreditam que ela não está tendo o mesmo impacto em 2025. Mudanças em personagens, humanização em outros, enredos modificados, histórias distorcidas, são tantas as reclamações que a autoria Manoela Dias parece nem ligar, pois o que ela está fazendo é uma releitura da novela, e não uma reexibição da original, de Gilberto Braga.

Mesmo com tantas críticas e indas e vindas de vários personagens, a novela vem atraindo o público e rendendo bons índices de audiência. Pode não ser

aquele esperado, mas, pelo menos, está sendo um dos melhores do horário, na comparação com as tramas anteriores.

Não tem como fazer uma reeleitura sem deixar o grande momento de lado. Resta saber quem será o assassino da bilionária. Os suspeitos já foram postos ao longo dos capítulos anteriores e, desta vez a assassina da primeira versão não está entre eles. E se for alguém fora da lista, realmente Manoela Dias está fazendo uma reviravolta no próprio texto.

Um marco da teledramaturgia que movimentou uma geração volta a fazer sucesso em outra, que só ouviu a frase e que, hoje, sentirá os efeitos daquele de 1988. Se o assassino ou a assassina for um personagem bem inusitado, será uma grande superesa para quem aposta nos óbvios. E se forem um deles, basta ver se terá alguma bandeira nas próximas cenas.

“Vale Tudo” novamente marca uma época na história das novelas e, mesmo com alguns achando que a edição de 2025 não deveria ter o nome da anterior, não sabem o que é teledramaturgia brasileira.

Vale Tudo pelo lucro

Há tempos a televisão brasileira não via um acontecimento como este. Apesar das diversas críticas que surgem na internet sobre a autora, a qualidade da trama ou as piadas com a adaptação de assuntos atuais na história, “Vale Tudo” voltou não apenas como novela, mas como espelho de uma nova era. No horário nobre, o remake transformou a ficção em palco de negócios. A cada intervalo, uma sequência de marcas desfilando diante dos olhos de quem aguarda o desfecho da morte de Odete Roitman. O capítulo ainda nem começou, mas o espetáculo já acontece — dentro e fora da tela.

Mais de vinte anunciantes se revezam entre as pausas da trama, disputando segundos que valem milhões. Fontes de mercado estimam que cada inserção publicitária pode variar de R\$ 2 a R\$ 3 milhões, chegando a R\$ 10 milhões quando a ação é integrada à história, como a da Omo, possível cotada para figurar na cena principal do esperado assassinato.

Opinião do leitor

Collor

Aplaudo o excelente artigo do jornalista Aristóteles Drummond (Correio da Manhã-01/10) ponderando que não se pode esquecer do ex-presidente Collor de Mello numa eventual anistia. Leis do governo Collor continuam em vigor, como o Código de Defesa do Consumidor e o Estatuto da Criança e do Adolescente.

*Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal*

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: PRÍNCIPE DE GALES ANUNCIA VISITA A AMÉRICA DO SUL

As principais notícias do Correio da Manhã em 7 de outubro de 1930 foram: Príncipe de Gales anuncia visita à América do Sul, co-

meçando pela Argentina e depois vindo ao Brasil. Governo Federal convoca reservistas de 1ª e 2ª categoria de até 30 anos para conter os

HÁ 75 ANOS: VARGAS LIDERA NA PRIMEIRA PARCIAL PRESIDENCIAL

As principais notícias do Correio da Manhã em 7 de outubro de 1950 foram: Primeiros resultados indicam vantagem para a Getúlio

Vargas com 121.026 votos, contra 47.393 a Eduardo Gomes. Cristiano Machado está perdendo em Minas Gerais, seu estado natal. Incidentes

protestos no país. Justiça argentina nega apelação à negação do pedido de habeas corpus do ex-presidnete Irygoven.

Correio da Manhã
Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt.10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.